

ESTUDOS DE GÊNERO:

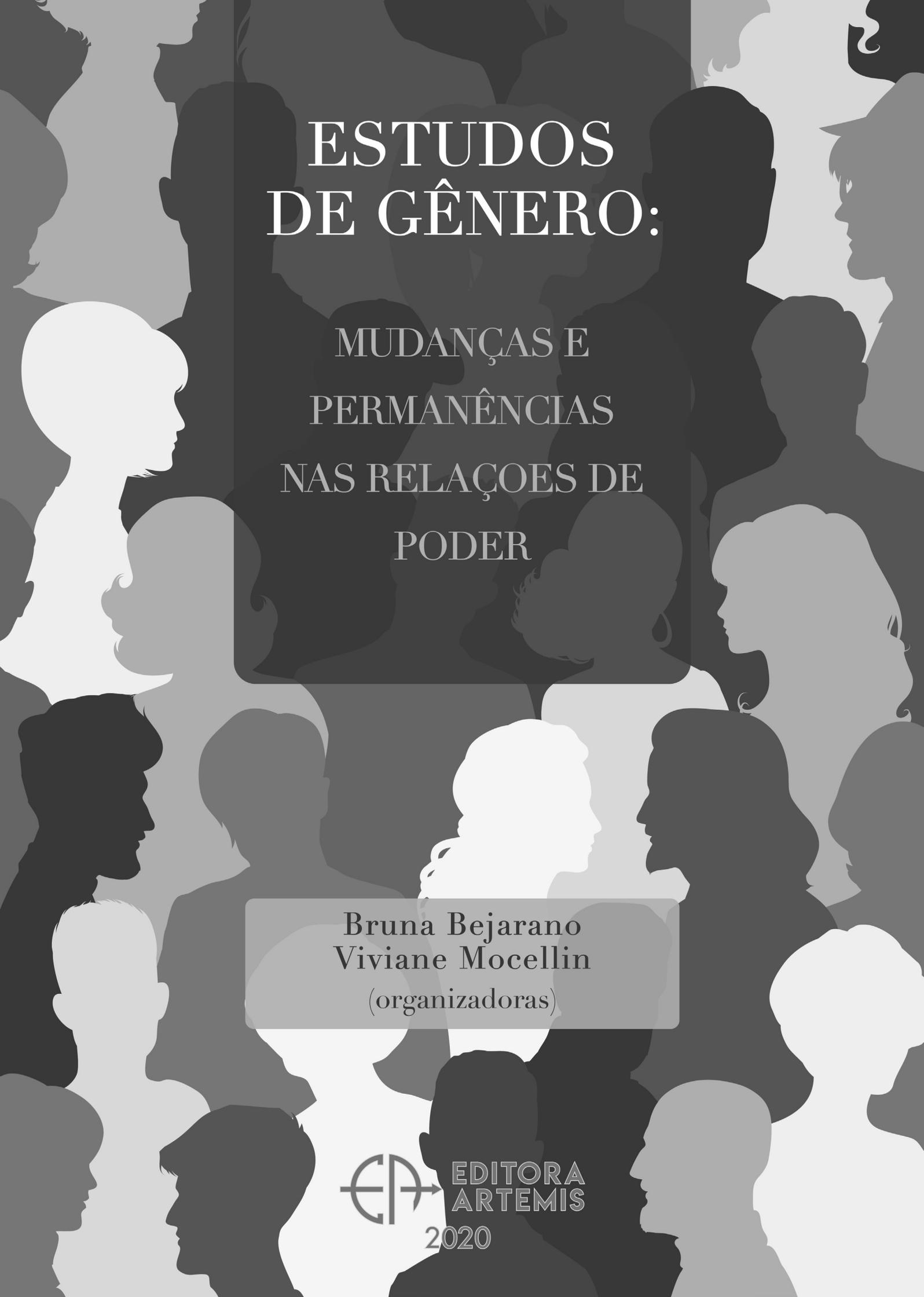
MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2020



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E
PERMANÊNCIAS
NAS RELAÇÕES DE
PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2020

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^ª Dr^ª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva:

Viviane Carvalho Mocellin

Organizadoras:

Bruna Bejarano

Viviane Carvalho Mocellin

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^ª Dr.^ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^ª Dr.^ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^ª Dr.^ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^ª Dr.^ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^ª Dr.^ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^ª Dr.^ª Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E82 Estudos de gênero [recurso eletrônico] : mudanças e permanências nas relações de poder / Organizadoras Bruna Bejarano, Viviane Carvalho Mocellin. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-21-7

DOI 10.37572/EdArt_217281120

1. Igualdade – Gênero – Brasil. 2. Mulheres – Condições sociais.
I. Bejarano, Bruna. II. Mocellin, Viviane Carvalho.

CDD 305.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

A coletânea “**Estudos de gênero: mudanças e permanências nas relações de poder**” surgiu da sugestão de autores de variadas áreas do conhecimento que se dedicam à compreensão de como as relações de poder que se estabelecem socialmente entre “masculinidades” e “feminilidades” influenciam praticamente todos os aspectos da vida.

Dados do *World Economics Forum* (Forum Econômico Mundial), publicados em dezembro de 2019, demonstram que, globalmente, ao ritmo atual, serão necessários aproximadamente 100 anos para que se alcance a igualdade de gênero, que é um direito fundamental essencial para a consolidação dos Direitos Humanos. Por outro lado, os dados também apontam que a desigualdade é fator de atraso econômico e social, e que os países com maior igualdade de gênero são também os países com maior IDH: Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia lideram a lista dos países com maior paridade.

No relatório, o Brasil aparece na 92^a no ranking global, e ocupa a 22^a posição entre os 25 países da América Latina e do Caribe. Ou seja, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, ainda há um longo caminho a percorrer, razão pela qual decidimos coordenar a elaboração de um livro dedicado aos diversos modos como os papéis e características atrelados ao gênero ainda são fator de desequilíbrio no acesso à vida política, à participação econômica, ao direito à saúde e educação, enfim, ao lugar social das pessoas.

É uma honra para nós, da Editora Artemis, podermos presentear o leitor com uma coletânea com textos em português, espanhol e inglês, de autores de diversos países, incluindo Argentina, Colômbia, México e Peru, sobre como as práticas sociais que atribuem papéis e identidades distintos a seus diferentes membros estão ligadas às relações de poder e desigualdade.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Bruna Bejarano
Viviane Carvalho Mocellin

SUMÁRIO

CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA DE GÊNERO

CAPÍTULO 1 1

PERFORMATIVITY AND SEXUAL DIVERSITY IN CONTEMPORARY COLOMBIAN TELEVISION

[William Alexander Medina Mendez](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811201

CAPÍTULO 2 21

VIOLENCIA DE GÉNERO EN LA WEB: REPRESENTACIONES DE INVISIBILIZACIÓN DE LAS MUJERES INMIGRANTES EN ESPAÑA

[Osbaldo Turpo Gebera](#)

[Rocío Marivel Díaz Zavala](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811202

CAPÍTULO 3 39

VIOLÊNCIAS CONTRA LAS MUJERES EN LAS RELACIONES DE PAREJA EN MÉXICO

[Ignacio Medina Núñez](#)

[Adriana Medina Villegas](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811203

CAPÍTULO 4 67

IDEALES NORMATIVOS Y DESAFÍOS REALES DEL ACCESO A LA JUSTICIA PARA LAS MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA

[Carolina Stivala Loza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811204

CAPÍTULO 5 83

DIREITOS TRANSGÊNEROS E DESPATOLOGIZAÇÃO: QUAL É A RELAÇÃO?

[Beatriz Pagliarini Bagagli](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811205

CAPÍTULO 6 95

HIGIENIZANDO MERETRIIZES: TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE DE UM MANUAL DE CONDUTA SANITÁRIA PARA CASAS DE PROSTITUIÇÃO (1839)

[Heloísa Raquel da Silva](#)

[Christian Fausto Moraes dos Santos](#)

[Gessica de Brito Bueno](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811206

(DES)IGUALDADE DE GÊNERO E O MERCADO DE TRABALHO

CAPÍTULO 7 104

MUJERES PERIODISTAS EN GUADALAJARA. ENTRE LA PRODUCCIÓN DE LA NOTICIA Y LAS CUESTIONES DE GÉNERO

[Elvira Hernández Carballido](#)

DOI 10.37572/EdArt_2172811207

CAPÍTULO 8	115
INSERCIÓN DE MUJERES EN POSICIONES JERÁRQUICAS EN FUERZAS DE SEGURIDAD	
María Eugenia San Martín	
DOI 10.37572/EdArt_2172811208	
CAPÍTULO 9	128
LAS MUJERES EN LA RURALIDAD DE LAS COMUNIDADES ORIGINARIAS DE 25 DE MAYO, SAN JUAN, ARGENTINA	
Gabriela Tomsig	
Enzo Aciar	
Gabriela Carabajal	
DOI 10.37572/EdArt_2172811209	
EDUCAÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA E A IGUALDADE DE GÊNERO	
CAPÍTULO 10	135
LA INVESTIGACIÓN APLICADA; UNA ALTERNATIVA PARA LA GENERACIÓN DE CONOCIMIENTO EN EL ABORDAJE DIDÁCTICO DEL GÉNERO	
Juan Manuel Guel Rodríguez	
DOI 10.37572/EdArt_21728112010	
CAPÍTULO 11	152
MUJERES DIALOGANDO: COMUNICACIÓN PARTICIPATIVA COMO DISPARADOR PARA LA TOMA DE CONCIENCIA	
Diana López Magaña	
DOI 10.37572/EdArt_21728112011	
EMPODERAMENTO FEMININO	
CAPÍTULO 12	161
AGROECOLOGIA E EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTEXTO DA FEIRA DE BASE AGROECOLÓGICA-CULTURAL DA UFPI	
José Renan Nunes de Oliveira e Silva	
Marlúcia Valéria da Silva	
DOI 10.37572/EdArt_21728112012	
CAPÍTULO 13	168
FUTEBOL FEMININO E PEÇAS PUBLICITÁRIAS: ANÁLISE DE CAMPANHAS PUBLICADAS DURANTE A COPA DO MUNDO DA FIFA EM 2019	
Carolina Bortoleto Firmino	
Érika Alfaro de Araújo	
DOI 10.37572/EdArt_21728112013	
CAPÍTULO 14	182
EMPREENDEDORISMO FEMININO: PERFIL DE MULHERES EMPREENDEDORAS DE SINOP/MT	
Elda Lopes de Queiroz	
Michele Jackeline Andressa Rosa	
Angela Ester Mallmann Centenaro	
DOI 10.37572/EdArt_21728112014	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	201
ÍNDICE REMISSIVO	202

MUJERES PERIODISTAS EN GUADALAJARA. ENTRE LA PRODUCCIÓN DE LA NOTICIA Y LAS CUESTIONES DE GÉNERO

Data de aceite: 02/11/2020

Data de submissão: 10/09/2020

Elvira Hernández Carballido

Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo

CV: http://132.248.160.2:8991/pdf_f1501/000000049.pdf

RESUMEN: El presente trabajo fue realizado durante una estancia académica en la Universidad de Guadalajara, México. El objetivo fue describir la situación que han vivido las reporteras de la capital de Jalisco para ejercer el periodismo. Se eligió esta región por ser una de las más importantes del país y porque también todavía existen pocos datos del trabajo periodístico que se hace en la república mexicana. Se utilizó la entrevista como técnica para indagar la forma en que trabajaban en sus respectivos periódicos y se eligieron a seis periodistas mujeres: Rosario Bareño, Daniela Geomar, Priscilla Hernández, Vanessa Robles, Laura Castro Golarte y Esperanza Romero. La entrevista giró en siete puntos: 1) Su decisión de ser periodista; 2) El género periodístico que dominan; 3) La fuente informativa asignada; 4) La forma de trabajo; 5) El ambiente laboral; 6)

El salario que perciben; y, 7) Los problemas que enfrentan para realizar su labor. La revisión sobre las condiciones del periodismo en Jalisco y los testimonios de las periodistas permiten advertir que estos escenarios periodísticos siguen siendo mal pagados, que la perspectiva crítica es castigada con la censura, el veto o la amenaza. La desventaja en derechos y apoyos, la preferencia de ser periodista independiente y la ausencia de una perspectiva de género en el campo laboral periodístico, confirma que en este siglo XX en el campo periodístico sigue siendo una desventaja ser mujer.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; Mujeres; Género; periodistas.

INTRODUCCIÓN

Cuando decidí realizar mi estancia académica en la Universidad de Guadalajara, una de las instituciones de educación superior más importantes de México, llegué con una pregunta central: ¿Quiénes son las mujeres periodistas en Guadalajara y cómo realizan su labor periodística? Dado mi interés en trabajar esta temática, que desde 1986 ha sido mi línea de estudio, inicié una exploración sobre lo que se había escrito y el resultado fue una sola tesis de licenciatura y algunas

investigaciones que recuperaban la presencia femenina en el estado, pero desde una perspectiva histórica, no desde los estudios del periodismo. De esta manera, consulté textos que me permitieran hacer un contexto del panorama periodístico en la capital de Jalisco, identifiqué sus principales periódicos y busqué a las mujeres que han destacado en el oficio periodístico con el propósito de detectar la producción de la noticia y las cuestiones de género.

Es así como, el objetivo de este capítulo de libro es describir la situación que han vivido las reporteras de Guadalajara para ejercer el periodismo. Debido a que nuestra guía para distinguir su situación en el ámbito periodístico es el género, considero necesario especificar que será entendido como una categoría que reconoce la construcción cultural del comportamiento femenino y masculino para advertir o señalar la desigualdad que se puede construir en diversos espacios sociales por el hecho de ser mujeres u hombres. Desigualdad que afecta, beneficia o discrimina y produce sesgos preocupantes en la vida personal y profesional de las personas.

La estrategia metodológica partió de la revisión de los textos que se han escrito sobre el periodismo jalisciense en general y en particular la participación de las mujeres periodistas. Después de hacer una cronología, se eligieron a las reporteras contemporáneas para identificar sus rutinas de trabajo, su trayectoria, así como su grado de compromiso y satisfacción. Se utilizó la entrevista como técnica para indagar las condiciones en que las mujeres realizan su labor periodística y de advertir las cuestiones de género que ellas enfrentan. Cabe reiterar que esta investigación se realizó durante una estancia en la Universidad de Guadalajara, bajo la asesoría de la Doctora María Elena Hernández Ramírez.

ANTECEDENTES EN TORNO A LA PRODUCCIÓN DE LAS NOTICIAS Y LAS MUJERES

El estudio sobre la presencia femenina en el periodismo empezó a tener fuerza en las últimas décadas del siglo XX. Así, en Chile, la agencia Fempress dio a conocer *El ABC de un periodismo no sexista* (1996), escrito por Norma Valle, Bertha Hiriart y Ana María Amado. Ellas señalaban el interés por el oficio periodístico y la preocupación de que las mujeres todavía no pudieran ejercerlo en un escenario de equidad. Por ello, el texto explica lo que se entiende por sexismo, así como las categorías de patriarcado y feminismo. Si bien el libro está centrado en los contenidos de los medios, no pierde de vista el trabajo realizado por las mujeres reporteras, ya que ellas, al entrar a un espacio tradicionalmente considerado masculino, enfrentan otras problemáticas para trabajar en la recopilación de las noticias que, aseguran, era necesario reconocer y denunciar.

En España, *La prensa por dentro* (2002) de Juana Gallego hizo visible la condición femenina en las redacciones periodísticas. Este trabajo representó un gran esfuerzo por

reunir textos donde se reflexionaba en torno a este tema. Su objetivo fue captar la realidad cotidiana de periodistas durante la producción informativa. Fue así como, junto con su equipo de trabajo, fueron de observadoras a diferentes medios para atestiguar la forma en que se trabajaba en la redacción, los intercambios y la convivencia entre redactores y redactoras, además se les entrevistó y trataron de captar el ambiente laboral. Advirtieron que la presencia femenina seguía siendo menor a la masculina, que muchas de ellas no tenían puestos de decisión ni de jerarquía. Reportaron que la presencia femenina se notaba menos en la redacción y en los pasillos de la empresa periodística. Especificaron en su análisis una total ausencia de la perspectiva de género al determinar el valor de un suceso noticioso y una tendencia conservadora al asignar las fuentes informativas, por ello los hombres cubrían todo, pero las mujeres no, a quienes se les asignaban las secciones de cultura o sociales. Fue así como concluyeron que las empresas periodísticas analizadas en su libro tenían objetivos y planteamiento ajenos totalmente a la existencia de los géneros, por ello mostraban una total indiferencia hacia la inequidad latente en el proceso de producción informativa entre hombres y mujeres.

En México, una pionera en recuperar la presencia femenina en el periodismo fue María del Carmen Ruiz Castañeda (1936), que las hizo visibles en la historia de la prensa. En 1986 presenté mi tesis de licenciatura y abordé el tema de las mujeres en el periodismo mexicano. En este primero trabajo yo señalaba que las mujeres tuvieron que crear sus propias publicaciones para darse voz y dar voz a sus contemporáneas a finales del siglo XIX. De esta manera seguí una línea para recuperar a las periodistas durante la revolución mexicana y advertir, que hasta la década de los treinta fue el momento en que a las mexicanas se les permitió cubrir sucesos noticiosos. Las breves biografías que se han podido recuperar de estas pioneras, permiten atisbar el contexto cultural y la personalidad específica que influyeron para que aprovecharan la oportunidad de escribir en la prensa.

Al revisar diferentes periodos históricos, se ha podido detectar dos vertientes que se abrían ante el camino profesional de las mujeres periodistas en México. En la primera estaba su condición de género. En la segunda, absolutamente recorrida por los hombres, la construcción de la realidad político social. La imposibilidad de haberlos hecho paralelos desde el principio está justificada por la desigualdad en derechos y responsabilidades existentes entre ambos sexos, el exiguo acceso de las mujeres a la educación que les permitiera tener la capacidad de análisis e identificación con su colectividad, y el acondicionamiento social que distingue comportamientos diferentes tanto para hombres como para mujeres. El periodismo no ha sido ajeno a esa construcción social.

Sin embargo, al ganarse el derecho de trabajar la información y de integrarse a las redacciones de las empresas periodísticas, la situación no cambió ante el reconocimiento del trabajo hecho por hombres y mujeres. Todavía al finalizar el siglo XX, seguían latentes prejuicios para asignar fuentes, pruebas de embarazo para ser aceptadas en el periódico como reporteras, falta de guarderías para quienes tenían hijos y limitaciones al cumplir

una doble o triple jornada laboral al ser reporteras, esposas y madres.

Este análisis y contexto empieza ya analizarse con más detalle, pero todavía hace falta más. Sobre todo, cuando la mirada deja de centrarse en la capital del país y se explora lo que viven las reporteras en los estados, desde los más pobres como Oaxaca o Guerrero, o hasta los más privilegiados como Nuevo León y Jalisco. Pero, ¿cómo es el periodismo en esta última entidad mencionada? Celia del Palacio (1991) sintetiza el surgimiento de diarios significativos, como *El Informador*, fundado en 1917, que hasta la fecha circula como *El Occidental* (1942). Indica que de 1940 a 1980, circularon alrededor de trece diarios de información, pero una característica de la región es que muchas ocasiones desaparecen como pasó con el *Ocho Columnas* (1978) o *Siglo 21* (1991). Otro investigador muy representativo para comprender los medios de comunicación de Jalisco, desde una perspectiva crítica, es Enrique Sánchez Ruiz (1989). A su juicio la prensa no siempre ha surgido de proyectos periodísticos.

Lo que sí parece ser un hecho, es que el periodismo impreso jalisciense no se puede caracterizar por una postura crítica, sino que, en formas y con estilos diversos, se puede decir que la prensa diaria de Guadalajara es conservadora en sus líneas generales y oficialista en la medida en que su relación con el poder político va desde la ambigüedad hasta la cordialidad, pero nunca pasa por la crítica consistente y abierta. De igual forma se puede decir que la prensa diaria de Guadalajara no se enfrenta a ningún otro factor de poder (el clero, los empresarios, etc.), sino en todo caso en episodios aislados y poco significativos. (Sánchez Ruiz, 1989: 36).

Y en este contexto, surge la interrogante: ¿dónde están las mujeres periodistas en Jalisco? Al consultar el único trabajo que hace referencia a ello, la tesis de licenciatura presentada por Laura Tatiana Herrero Morales (1991), se puede advertir su situación por periódico, entre 1980-1992:

EL DIARIO. Tenía cinco mujeres reporteras, tanto en deportes, ayuntamiento e iniciativa privado. La autora precisó que al ir de observadora en la empresa, el ambiente en la sala de redacción era de absoluto respeto hacia las reporteras.

EL JALISCIENSE. Contaba con seis reporteras, la mayoría en locales y solamente una en deportes. En 1981 fue nombrada la primera jefa de información.

EL INFORMADOR. Solamente tenía dos columnistas y una reportera en asistenciales. Se advierte la existencia de una política explícita de no admitir mujeres en su equipo de reporteros. Aunque los jefes justificaban que no era por discriminación, sino porque reconocían la debilidad femenina. De igual manera, le compartieron el rumor de un mito de que si laboraba una mujer en la empresa periodística no podían presentarse a trabajar con pantalón sino únicamente con falda.

EL OCCIDENTAL. Siete reporteras, tres en sociales, otra en deportes y una en información local. Se quiso dar la subdirección a una periodista mujer, pero ella no aceptó al dar prioridad a su actividad periodística.

EL OCHO COLUMNAS. Las reporteras son estudiantes de la Universidad Autónoma de Guadalajara, a quien pertenecía el proyecto periodístico. Se describe un ambiente

represivo y muy controlador.

El siglo XX estaba a punto de terminar cuando se hizo dicha tesis y las periodistas en Guadalajara todavía enfrentaban desventajas, pero también reconocimientos, entre ellas siete reporteras, las cuales se eligieron, con apoyo de la Doctora María Elena Hernández. La selección se basó en tres criterios básicos: 1) Ser pionera en alguna fuente de la región; 2) Tener reconocimientos que respalden su calidad periodística; y, 3) Ser reconocidas en la entidad por su compromiso periodístico. Después de una revisión de la prensa en Guadalajara, se hizo una lista de los nombres de las periodistas y, con la experiencia de la Dra. Hernández, se eligió a las que cumplían con los tres criterios. Se le llamó a cada una por teléfono y aceptaron la entrevista. Las conversaciones se llevaron a cabo y durante un día completo se llevaba a cabo con ella una charla con preguntas abiertas, ordenadas de acuerdo al cuestionario básico:

- 1) Su decisión de ser periodista.
- 2) El género periodístico que dominan.
- 3) La fuente informativa asignada.
- 4) La forma de trabajo.
- 5) El ambiente laboral.
- 6) El salario que perciben.
- 7) Los problemas que enfrentan para realizar su labor.

Debido a la extensión permitida para este trabajo, he recurrido a la selección de fragmentos que ilustren la manera en que ellas respondieron a estos cuestionamientos.

LAS INFORMADORAS DE GUADALAJARA

ROSARIO BAREÑO. Jefa de Información de *El Occidental*.

1. Poco a poco comprobé que se me facilitaba escribir, me encantaba investigar, averiguar sobre la cuestión social.
2. Casi siempre ha sido la nota. Por eso, me gustó empezar a trabajar cubriendo asistenciales, pero ya tengo muchos años cubriendo política, que es otro de mis fuertes, la grilla me encanta.
3. Mi preferida fue la fuente Legislativa, ahí cae todo lo que pasa en todos lados tanto en la parte del Gobierno como en el sector privado, es una fuente muy padre.
4. Aunque creo que la mujer periodista soltera no tiene tanta bronca, las que somos mamás, se nos complica mucho nuestro trabajo. Somos reporteras, seguimos la noticia, investigamos para interpretar más el suceso, pero al mismo tiempo debes checar que tus hijos hagan la tarea, quién los recoge en el colegio, llevártelos al evento si no tienes ese día alguien que te los cuide. Yo fui de las que llegaba a la redacción con los hijos y hasta a los eventos.
5. A veces me dicen, ¿eso hiciste?, ¿dónde tenías la cabeza? Fueron situaciones muy difíciles,

la mera verdad, pero varias mujeres que me van a comprender, muchas veces por orgullo no quería decir no puedo porque no tengo con quién dejar a mis hijos. No, no quería decir eso. No quería escuchar a mis jefes decir: es mujer y no puede, usa a los hijos de pretexto, ya se casó ya no va a reportear igual.

6. En muchas de esas ocasiones nunca me importó el salario, cumplir era mi objetivo y en cada logro en mi profesión hay detrás o presente una situación difícil en mi casa, desde la separación con mi pareja o el reclamo de mis hijos porque hasta la noche los veía, eso ha sido más complicado que desear un gran pago.
7. Un tiempo ya no pude trabajar como la hacía antes, bajé un poco de ritmo cuando decidí ser madre, pero siempre cumplí con cada nota que me tocaba hacer. Hoy, en estos momentos, es cuando estoy disfrutando más el trabajo porque mis hijos ya son adolescentes, ya los puedo dejar, mientras yo discuto en la redacción una entrada o un encabezado. Ya voy para treinta años de trayectoria profesional. Sin embargo, también observo que llegamos, pero solamente para reportear, hay muy pocas jefas de información, sí, yo fui la primera, pero no han surgido más.

DANIELA GEOMAR. Fue reportera en diversos periódicos de la región. Actualmente funcionaria del gobierno de Jalisco.

1. Desde muy pequeña, además de los programas infantiles, me llamaban ya mucho la atención los noticiarios. Ya sabes, a Jacobo en “24 horas”, me encantaba saber lo que pasaba en el mundo.
2. *Entrevistaba, investigaba y sabía qué preguntar.*
3. *Primero deportes, aunque ahora soy política, nunca he dejado de ser periodista.*
4. *Para entrevistar yo siempre me preparaba, no me gustaba preguntar tonterías, sobre todo en deportes, les cuestionaba su manera de jugar, pero también averiguaba su postura política, su formación cultural.*
5. Me ayudó ser una niña, los periodistas mayores me aconsejaban. Me decían que era un ambiente muy difícil, especialmente hay muchos hombres que no siempre nos respetan, pero ellos me cuidaron. Aunque, me acuerdo que en El Informador me dijeron: “Cuando trabajes en el periódico tienes que andar de falda, porque así andan las mujeres verdad”. No podía creerlo. Por suerte, no entré a trabajar a ese medio.
6. Nunca me importaba el salario, lo que yo quería era ser periodista, entrevistar, narrar un partido.
7. He sido muy juzgada, hasta por mi manera de vestir, por ser ahora funcionaria del gobierno, que me pasé al bando contrario, me critican. Ser periodista mujer en pleno siglo XXI sigue siendo difícil. No me casé ni quise tener hijos para dedicarme a esto.

VANESSA ROBLES. Periodista independiente. Premiada por sus crónicas.

1. Yo entré al periodismo segura de poder darle voz a la gente.
2. Yo hago mis crónicas siempre viendo lo que otros no ven, yo no soy el centro de la historia, es la gente.
3. Hay tantas historias que recuperar, y esa situación es lo que me inspira contar un montón de historias, busco el sentido humano, sensibilizar esa capacidad de ver

lo que parece que no está ocurriendo, de ir con la gente que nadie le pregunta normalmente.

4. No puedo hacer periodismo sentada en un saloncito de prensa con aire acondicionado y confundir mi país con esa comodidad falsa, porque mi país es un lugar donde están sucediendo cosas terribles, donde muchos no tienen voz y aun así se le calla a cada rato. Creo en un periodismo que volteaba a ver a la gente común.
5. Te explotan muy feo en la empresa, te ponen una estructura de chamba como si estuvieras contratado de cinco notas diarias más la foto, el audio y el video. Y luego ni te publican. Por eso, he preferido ser independiente.
6. Pero, ser periodista independiente es muy complicado. Por ejemplo, en un periódico me pagaban a 800 pesos un reportaje. En su realización, tenía que viajar y ya me había gastado de mi bolsa 400, o sea ya me había gastado la mitad lo que me iban a pagar.
7. No me doy por vencida, soy una necia ingenua, una periodista por vocación y sigo en esto. Escribo sin miedo, no he sido amenazada, ni perseguida. Fui mamá a los 29 años y luego a los 38. He amado y me han amado. El otro día, estaba con mi psicóloga y no tenía donde dejar a mi hijo y me lo llevé. Se quedó en la terapia, creí que no iba a poner atención, en eso le digo a mi doctora que siento culpa, creo que no he sido buena madre. En eso, el pequeño voltea y me dice; ¡No digas esa palabra mamá, esa palabra no debería existir, la culpa! Y tiene cinco años, creo que entiende mejor muchas más las cosas que yo.

ESPERANZA ROMERO. Reportera reconocida en la región por su periodismo de denuncia.

1. ¿Por qué soy periodista? Siempre he sido intolerante a la injusticia. Soy de las que brincan ante los impositivos, ante los que oprimen, ante los que no dejan a las personas ser o hacer. Soy de las que piden explicaciones y que exige.
2. Trabajo en la unidad de reportajes especiales.
3. Por supuesto, los temas que me movían estaban relacionados con los actos de corrupción. Me gusta denunciarlos y evidenciar los excesos, los malos manejos. He sido amenazada, pero mi compromiso es mayor.
4. Los periodistas de investigaciones especiales, siempre vamos a documentar, siempre se debe investigar. Yo he cuidado mi credibilidad y mi nombre, porque al final de cuentas eres el responsable de lo que escribes. Se debe trabajar con rigor y reportear en el lugar de los hechos.
5. Por suerte he tenido muy buenos ejemplos, entre ellos el trabajo comprometido de Macrina Paredes. Es una periodista que donde muerde no suelta prensa hasta que desprende, hasta que arranca. Es una mujer aguerrida y siempre poniendo en alto el nombre de su periódico, siempre decía con orgullo: “Vengo del diario El Occidental”. Admiro y sigo a mujeres como ella que no sueltan hasta que respondan y que hacen respetarse también por la inteligencia de sus preguntas y su congruencia de su manera de comportarse.
6. Gano bien y exijo que me paguen bien, que me apoyen para hacer mi labor. Que el periódico esté dispuesto a pagar desde los viáticos hasta las largas jornadas de pesquisa

7. Yo vivo en una sociedad que me enseñó que mi función primordial es la de ser madre y esposa, pero siempre trato de compaginarla con el periodismo. Para lograrlo, sigo publicando, pero porque trabajo como free lance. Intenté ser editora pero no me llenaba tanto como estar en el lugar de la noticia. Quiero seguir siendo reportera sin dejar mis tareas de madre y esposa. Ahora también doy clases. He tenido que bajar el ritmo, pero nunca dejaré la investigación periodística.

LAURA CASTRO GOLARTE. Periodismo y academia, un binomio para sobrevivir.

1. Soy periodista porque creo que el periodismo es “tribunal de la opinión pública” y retoma las nociones de opinión común como presión social y busca la difusión regular de todas las actividades gubernamentales como un seguro contra los abusos de poder, aun cuando no siempre funcione.
2. Hago investigación periodística. Fui corresponsal en la ciudad de México y reportera de temas especiales.
3. El reportaje, aunque también la entrevista y la crónica.
4. Llevaba un ritmo que me apasionaba. Pero cuando me embaracé, fue un embarazo de alto riesgo y perdí al bebé. La mejor manera de superar esta situación tan difícil fue seguir trabajando. Voy al lugar de los hechos, entrevisto, me documento. Volví a embarazarme y ya con mi hijo tan deseado descubrí que el ritmo que llevaba debía cambiar. En 2005 renuncié, me quedé nada más con mi columna. Me hice supervisora y jefa de redacción. Fui conductora y productora de “Buenas noches metrópoli”. Fue en ese entonces que integré el concepto de periodismo cívico.
5. Me tocó la discriminación, no por ser mujer, sino por ser reportera de “provincia”. Yo escuché una vez cuando un jefe de prensa le dijo claramente a su personal: “A los reporteros de provincia no les des copias”. Notimex igual, una vez me dijeron para qué te acreditas, si los de provincia ni tienen espacio para publicar. Eso me indigna mucho, pero a la vez me hizo trabajar con más profesionalismo y jamás perder la dignidad. Como si fuera una maldición venir de otra región que no sea la capital. Como si por venir de otro pueblo no puedas ser considerada periodista.
6. Muy difícil, a veces sobrevives, te gana la pasión y olvidas el mal sueldo.
7. El 11 de octubre de 2013 llego a trabajar y me dicen que estoy despedida. Yo miraba a mi jefe y le preguntaba una y otra vez: ¿Por qué, por qué me corres? De verdad, yo chillaba. Fue una venganza, un desquite de algún hombre político. Me quitaron mi espacio y me dolió mucho, no sabes cuánto. Lo más triste es que nadie reclamó ni me defendió, no soy Carmen Aristegui por supuesto, pero nadie salió a la calle para protestar que ya no estuviera en el programa. Fue un golpe muy duro. Sin embargo, pese a mi dolor, repetí: Yo no me voy a callar.

DISCUSIÓN

- a. Su decisión de ser periodista. Una gran libertad en su elección, donde su vocación ya viene formándose desde su niñez y la certeza de que es una profesión que pueden ellas ejercer sin ninguna limitación.
- b. El género periodístico que dominan. Aunque cada una de ellas destacó su prefe-

rencia por un género, Rosario-Nota, Daniela-Entrevista, Vanesa-Crónica, Esperanza-Reportaje y Laura-Reportaje nunca demostraron desdén o problemas para escribir alguno de ellos.

- c. La fuente informativa. El contexto parece marcar las posibilidades e imposibilidades para que se les asigne una fuente. Mientras Rosario Bareño tuvo que ganarse a pulso cubrir una fuente que no fuera considerada tradicional para las mujeres, como los son sociales y asistenciales, Daniela Geomar tuvo el apoyo para entrar a deportes y su juventud fue razón para ser protegida por sus compañeros. Esperanza y Daniela se ganaron a pulso, padeciendo una doble jornada su lugar en la prensa de Guadalajara. Vanesa, convertida en periodista en años más recientes, ya no se preocupa o se han sentido relegada pues las redacciones ya les asignan fuentes más variadas.
- d. La jornada laboral. Ser mujeres puede complicar su horario de trabajo, los hijos pueden limitarlas para dedicarse totalmente a reportear, quizá por eso dos de ellas han decidido no tenerlos. Pero, han demostrado que madres o no, se esmeran en cubrir sus fuentes, realizar sus investigaciones periodísticas y organizarse para desarrollar otras actividades de su vida, por lo que la doble jornada marca sus decisiones para realizar su trabajo.
- e. El ambiente en la empresa periodística. Como bien dice Vanesa, cada vez van menos a las salas de redacción, o al ser periodistas independientes, pueden enviar sus trabajos y no relacionarse mucho con sus jefes y compañeros de trabajo.
- f. La forma en que se les remunera su trabajo. Consideran que no se paga lo justo por su trabajo, aunque jamás expresaron que ganen menos por cuestiones de género, más bien advirtieron que la misma profesión es muy mal remunerada.
- g. Los problemas que enfrentan para realizar su labor. Cada una advirtió la falta de apoyo que a veces tienen de la empresa para la que trabajan, a veces no hay reconocimiento o parece ser más difícil que como mujeres puedan tener un mejor puesto o uno de dirección. Advierten que siguen siendo pocas mujeres y que en algunas empresas la discriminación de género está latente. Quienes son madres coincidieron que tuvieron que bajar el ritmo, triplicar su jornada o arriesgarse a llevar a sus hijos si no tenían con quién dejarlos.

CONCLUSIONES

Los testimonios de estas periodistas mexicanas, ubicadas en el estado de Jalisco, maraca una pauta representativa en la producción de la noticia y las cuestiones de género, ya que todavía sigue habiendo diferencias en los tratos y maneras de trabajar, principalmente influye la doble o triple jornada que viven, al ser reporteras y también esposas y madres. Trabajan a la par que sus compañeros, han logrado destacar, pero

ellas mismas atisban esas pequeñas o grandes diferencias que no logran que el ámbito periodístico sea un escenario de equidad entre los hombres y las mujeres que lo practican.

Para cada una de ellas fue su decisión de ser periodista, su vocación ya estaba formándose desde su niñez y la certeza de que es una profesión que pueden ellas ejercer sin ninguna limitación.

El contexto que han vivido parece marcar las posibilidades e imposibilidades para que se les asigne una fuente. Destaca que por ser mujeres puede complicarse su horario de trabajo, los hijos pueden limitarlas para dedicarse totalmente a reportear, quizá por eso una decidió no tenerlos. Demuestran que madres o no, se esmeran en cubrir sus fuentes, realizar sus investigaciones periodísticas y organizarse para desarrollar otras actividades de su vida, por lo que la doble jornada marca sus decisiones para realizar su trabajo. Respecto al ambiente en la empresa periodística, bien dice Vanesa, cada vez van menos a las salas de redacción, o al ser periodistas independientes, pueden enviar sus trabajos y no relacionarse mucho con sus jefes y compañeros de trabajo.

Advirtieron que la misma profesión es muy mal remunerada, pero el compromiso es mayor para ellas que el pago que puedan recibir. Cada una advirtió la falta de apoyo que a veces tienen de la empresa para la que trabajan, a veces no hay reconocimiento o parece ser más difícil que como mujeres puedan tener un mejor puesto o uno de dirección. Advierten que siguen siendo pocas mujeres y que en algunas empresas la discriminación de género está latente.

Las periodistas de Guadalajara advierten que todavía hay fuentes que por ser mujeres no pueden cubrir pero que por esfuerzo personal poco a poco logran acceder. Sin duda, se enfrentan al llamado “techo de cristal” pero han creado estrategias para seguir en el medio, intentando que las cuestiones de género no las afecten.

REFERENCIAS

Castillo, Guillermo. *El debate sobre el sufragio femenino en la prensa tapatía (1946-1955)*. México: Universidad de Guadalajara, 2013.

Del Palacio, Celia. “Panorama general de la prensa en Guadalajara”, en *Comunicación y Sociedad*, México, n. 14-15, enero-agosto, 1991.

Del Palacio, Celia. *Violencia y periodismo regional en México*, México: Juan Pablos Editor, 2015.

Gómez, Margarita. “La mujer y el quehacer literario en el Jalisco del siglo XIX”, en *Mujeres jaliscienses del siglo XX*. México: Universidad de Guadalajara, 2008.

Hernández, Elvira. *Las informadoras. Mujeres periodistas en Guadalajara*, México: Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, 2018.

Herrero, Tatiana. “Vida cotidiana y quehacer social de las mujeres periodistas en Guadalajara (El caso de las reporteras de cinco diarios matutinos: El diario, El Jalisciense, El Informador, El occidental y Ocho columnas)”, tesis (licenciatura en ciencias de la comunicación), México: Universidad de Guadalajara, 1991

Mejía, Gabriela “Faldas en el periodismo tapatío (primeras décadas del siglo XX), en *Mujeres jaliscienses del siglo XX*, México: Universidad de Guadalajara, 2018.

Sánchez, Enrique. *Prensa y poder en Guadalajara*, México: Universidad de Guadalajara, 1993.

Bareño, R. Entrevista personal realizada por Elvira Hernández Carballido, 15 de marzo de 2016.

Goemar, D. Entrevista personal realizada por Elvira Hernández Carballido, 16 de marzo de 2016.

Castro Golarte, L. Entrevista personal realizada por Elvira Hernández Carballido, 5 de abril de 2016.

Robles, V. Entrevista personal realizada por Elvira Hernández Carballido, 5 de abril de 2016.

Romero, E. Entrevista personal realizada por Elvira Hernández Carballido, 6, de abril de 2016.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BRUNA BEJARANO - Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo (2012) e Bacharel em História da Arte (2018), ambos pela Florida International University (Miami) e Mestre em Educação para as Artes pela Florida University (Gainesville). Tem mais de 10 anos de experiência profissional como comunicadora de massa, apoiando e coordenando uma ampla variedade de atividades relacionadas à mídia e marketing em empresas como Baptist Health South Florida, Grupo KSG, GMG Marketing Company, Museu Rubell e Borboleta Music. É Diretora de Criação da Coffee Table Productions e Editora de Arte da Editora Artemis.

VIVIANE CARVALHO MOCELLIN - Mestre em Engenharia da Produção com ênfase em Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Gestão Industrial (UTFPR). Graduada em Psicologia (Universidade Internacional da Flórida), Direito (PUC-PR) e Letras Português-Inglês (UTPR). Atualmente, é sócia-administradora da empresa Mocellin Assessoria Pedagógica Ltda. e Editora Executiva da Editora Artemis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acceso a la justicia 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 81, 82
Agricultura familiar 128, 129
Audience 1, 2, 6, 7, 14, 16, 19

B

Biological determinism 3, 4

C

Campanhas publicitárias 168, 174, 175, 179
Casas de prostituição 95
Conduta sanitária 95
Copa do mundo de futebol feminino 2019 168
Corpo feminino 95, 97, 98, 101, 103, 169
Cultural industry 6

D

Derecho 27, 29, 46, 49, 55, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 106, 122
Derechos civiles y políticos 71
Desigualdades de gênero 161
Despatologização 83, 86, 89, 90, 92, 93, 94
Diálogo 148, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 191
Dimensões sociais do esporte 168, 170, 180
Direitos transgêneros 83
Discurso informativo 21, 31

E

Educación 30, 65, 66, 73, 104, 106, 127, 132, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 159, 160
Educación no formal 148, 152, 153, 154, 155, 158, 159
Empoderamento 161, 163, 164, 165, 167, 179, 180
Empreendedorismo feminino 182, 183, 186, 198, 199
Equality 3, 136
Estructura agraria 129
Extensão universitária 161

F

Fuerzas de seguridad 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122

Futebol feminino 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180

G

Gender 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 45, 65, 82, 83, 93, 94, 115, 127, 136, 161, 162

Generación de conocimiento 135, 138

Género 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 46, 47, 50, 59, 64, 65, 66, 67, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 104, 105, 106, 108, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 157, 159

Gênero 2, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 102, 150, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 180, 181, 185, 189

Gestão feminina 182, 188

I

Igualdad de género 41, 42, 44, 46

Inequality 4, 7, 11, 45, 65, 82

Investigación aplicada 135, 138, 151

Invisibilización discursiva 21

M

Marginalidad informativa 21

Medicina 83, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 97, 98, 101, 102, 103, 169

Mujeres 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

Mujeres víctimas 30, 35, 65, 67, 77, 79

Mujer inmigrante 21, 23, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36

Mulheres 87, 88, 90, 97, 98, 102, 152, 153, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Mulheres empreendedoras 182, 183, 184, 186, 187, 188, 194, 195, 196, 198, 199

P

Participación ciudadana 152, 154, 155, 156, 159

Performativity 1, 2, 4, 5, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 19
Periodismo 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 113, 114
Periodistas 35, 36, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113
Posiciones jerárquicas 115, 116, 119, 121, 124
Práticas agroecológicas 161, 165
Pueblos originarios 129, 133

R

Regulation of bodies 8

S

Saúde 83, 85, 86, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 165, 169, 170, 171, 191, 195, 196
Sexual diversity 1, 2, 5, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19
Social construction 3, 4
Stereotypes 1, 2, 5, 7, 11, 136

T

Television 1, 2, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20
Toma de conciencia 23, 41, 59, 62, 81, 131, 148, 152, 153, 154, 155, 159
Transgeneridade 83

V

Vida en pareja 39, 47, 62
Violencia de género 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 46, 59, 64, 66, 73, 79, 117, 141, 148, 151, 154
Violencia familiar 39, 47, 48, 50, 54, 64, 66, 78, 82



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**